

GRANDE LOJA MAÇÔNICA
DO ESTADO DE SÃO PAULO



A Verdade

ANO LXIX - Nº 551 - Julho / Agosto de 2022

Revista Maçônica



A ARTE REAL





Prezados irmãos, finalmente, aqui chegamos. Venho de uma loja chamada Caridade e Justiça. Posteriormente, fundamos uma loja Justiça e Tolerância, e se fundássemos uma terceira, ela se chamaria Paciência e Silêncio.

Estamos aqui e fizemos o que fizemos por causa da instituição. Como um corolário que diz, "a Maçonaria precisa do maçom", estamos aqui para servi-la e servi-los, pois a Maçonaria são vocês, irmãos, unidos em um ideal comum. Vamos lhes dar, caridade, justiça, tolerância e silêncio para poder ouvi-los, pois as ideias e os ideais nascem de vocês e emanam para a instituição.

Como disse um irmão, precisamos parar e fazer uma introspecção, tratarmo-nos, e sim, temos a receita para essa carência de Maçonaria: os Rituais. Devemos usá-los uma vez por semana, com uma dose de reforço em casa. Não têm contraindicações e fazem um bem inimaginável, pergunte a quem pratica.

Sonhamos a caminhada até hoje, só era necessário realizá-la, tínhamos a receita: 29 anos de Maçonaria, com foco, ideal, força, vendo e imaginando uma instituição perfeita e justa, voltada para irmãos, com essa energia que emana da nossa união, às vezes dispersa, em outras, fraca. Era necessário, primeiramente, reacendê-la. Como? Simplesmente, com união.

Viajei milhares de quilômetros, sem comitiva, com muita emoção, com coração, com saudades de casa, mas nunca, jamais, estive sozinho, pois estava com meus irmãos. Com a melhor companhia, toda noite com essa convivência já era a vitória, já era a felicidade. Toda noite já era o prenúncio de um acontecimento que sempre soube que viria, não podia comentar para que milhares não esmorecessem, precisávamos de foco, energia, manter o feixe de Esopo. E assim foi, aqui chegamos.

Cabe aqui uma desculpa aos que estiveram mais perto de mim, pois fui duro, sincero, direto e objetivo. Precisava, também, de uma equipe bem montada, de irmãos íntegros, sinceros, dedicados à Ordem, que coadunassem com nossa ideia e nosso desejo de uma Maçonaria melhor.

Passei meses repetindo uma frase, quase toda a noite, em dezenas de visitas: "Vamos administrar a Glesp como maçons, tratando irmãos como irmãos, agindo dentro da moralidade e da ética, respeitando nossa Constituição. Vamos trazê-la para o Século 21, restaurar o orgulho e a união dos irmãos e da família maçônica".

Outra observação, tão importante que cabe citação aqui, foi a descoberta que a Maçonaria é uma só, única – sim, igual lemos nos rituais. Capital e interior, somos todos irmãos, mesmos problemas, mesmos anseios, mesmas angústias, Paramaçônicas, Filosóficas, temos centenas de instituições de caridade administradas, ajuda ao próximo, escolas, creches, asilos, cestas básicas, refeições, remédios... Somos iguais, fazemos ágapes, estrogonofes e pizzas frias.

Orgulhem-se do que somos como maçons, somos grandes homens, fortes e presentes na sociedade. Precisamos erguer a cabeça, recuperar nosso orgulho e voltar a crescer.

Só isso, como disse, sem bola de cristal, nem lâmpada de Aladim, somente nós.

Obrigado a todos, membros da chapa, ao meu padrinho e irmãos que nos ajudaram a chegar no dia de hoje.

Fraternal abraço,

Grão-Mestre Jorge Haddad



◆ EXPEDIENTE ◆



A Verdade

Publicação bimestral da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp)

Fundador

Irmão Francisco Rorato (1911-1983)
Loja Prudente de Moraes, 5

Administração

Grão-Mestre Jorge Haddad
Loja Justiça e Tolerância, 689
Oriente de Araraquara

Conselho Editorial

Descartes de Souza Teixeira (L. 10)
Ezivaldo Lins de Araújo (L. 124)
Samir Nakhle Khoury (L. 141)
Samir Cury (L. 857)

Editor e Jornalista Responsável

Wagner Apinhanesi (MTb: 41.856-SP)

EDIÇÃO DIGITAL

Assinatura

Seis edições bimestrais: R\$ 106,15

REVISTA A VERDADE

Rua São Joaquim, 138
Liberdade - São Paulo - SP
CEP: 01508-000
Tel: (11) 3207-8399

E-mail: averdade@glesp.org.br
www.glesp.org.br

Atenção: Os colaboradores das revistas A Verdade e Grande Loja em Destaque, que enviam informações, textos, fotos e imagens, são responsáveis pela autoria e originalidade do material enviado às revistas e pela obtenção de autorização de terceiros para a devida utilização, quando necessária, respondendo, assim, por qualquer reivindicação que eventualmente venha a ser apresentada às revistas em relação aos direitos intelectuais e/ou direitos de imagem. Os colaboradores das revistas da Glesp são voluntários e não recebem remuneração pelo trabalho cedido às publicações. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da direção ou do editor das revistas. Não devolvemos originais não publicados.

*Discurso proferido na Cerimônia Ritualística de Instalação e Posse, realizada no dia 1º de julho de 2022, no Teatro Liberdade.





A Arte Real

A ordem maçônica remonta a uma época em que a maioria dos seres humanos não sabia ler nem escrever. Portanto, para transmitir mensagens e desenvolver ideias, utilizou-se de símbolos universais, corporificados ritualisticamente, que passaram a constituir um portal que serviu de estímulo à evolução do pensamento.



4
Capa

A coluna vertebral e seus simbolismos

Na Índia, a espinha dorsal é chamada de Bramadanda, ou Bastão de Brama, que simboliza igualmente o Caduceu de Mercúrio com suas duas serpentes, a Kundalini, também denominada Serpente Ígnea.



10

Reflexões éticas e filosóficas sobre a imortalidade

Imagine que no futuro a ciência consiga transportar a sua consciência para qualquer corpo que você escolher. Todos seus pensamentos, memórias acumuladas e experiências serão preservados – em resumo, todo o seu capital intelectual.



12

Apenas mais um?

Cada vez que não é possível vencermos as dificuldades interpostas em nossos caminhos para nos reunirmos em nome do G.:A.:D.:U.: e prosseguirmos em nosso labor, o Universo registra a nossa ausência.



16

Origem: da Pré-História à Maçonaria Moderna

É mais fácil nos mantermos no mundo que nos é familiar do que sairmos para explorar o passado, na tentativa de descobrir quais mistérios estão na raiz das explicações presentes e construir uma visão de futuro.



18

Sinceridade, Coragem e Perseverança

Revisitando o Ritual de Iniciação, segue a exortação feita através de uma fala do Venerável Mestre que, em determinado ponto, indica que “na Maçonaria, nada se faz que não tenha a razão de ser”.



24



32

Os três reis magos

Sabemos nós que as histórias religiosas são, em sua maioria, contos e alegorias que quando elaborados trazem consigo significados chaveados, ocultos, uma mensagem atrás de outra mensagem, por assim dizer.



34

Entardecer na selva

Atualmente, não existe milagre que consiga passar pelo crivo da ciência. Antigamente, aconteciam aos montes, assim como aparecimentos de fantasmas, mulas sem cabeça e sacis-pererês, entre outros, pois não havia como comprovar a veracidade dos fatos.



38

Somos todos pontes?

Temos o dever de construir nossas pontes, seja para transpor um obstáculo ou para ligar o Mundo Material ao Mundo Espiritual. Devemos ser luz onde houver escuridão, devemos ser concórdia onde houver discórdia, devemos servir, em vez de sermos servidos.

A ARTE REAL

**Irmãos Carlos Alberto Linhares de Azevedo
e Isaac Joukhadar**

*Loja Cavaleiros De Jacques De Molay, 654
Oriente de São José dos Campos*



Durante anos de vida maçônica, buscamos o aperfeiçoamento da prática ritualística, estudando e tentando compreendê-la. Nesse caminhar, apesar da busca e de muitas descobertas, faltava algo, aquilo que fosse o amálgama capaz de ligar todos os rascunhos do conhecimento acumulado ao longo dessa busca, que desvendasse o conhecimento esotérico codificado no ritual maçônico por nossos irmãos antepassados.

Esse é o principal objetivo deste trabalho: colocar diante dos olhos dos irmãos um material capaz de demonstrar a importância de se manter inalterada a prática ritualística dos ritos maçônicos e, ao mesmo tempo, inspirá-los a viver plenamente a Maçonaria.

Infelizmente, a ritualística maçônica é praticada sem que grande parte dos maçons compreenda sua essência, o que os impede, e as suas lojas, de obterem os resultados de sua correta prática, e o que é pior, discute-se sobre a necessidade de alterá-la, de forma a modernizá-la, adequando-a aos tempos atuais, tornando-a mais inteligível, não se dando conta de que tal ação significaria, com o tempo, a completa supressão da tradição, do legado de nossos ancestrais, de sua eficácia, e a destruição da Maçonaria.

A ordem maçônica remonta a uma época em que a maioria dos seres humanos não sabia ler nem escrever. Portanto, para transmitir mensagens e desenvolver ideias, utilizou-se de símbolos universais, corporificados ritualisticamente, que passaram a constituir um portal que serviu de estímulo à evolução do pensamento.



Independente de se saber ler e escrever, a mensagem terá de ser necessariamente imagético-sensorial, jamais lógico-formal. Isto é, ao invés de explicar racionalmente a mensagem como em uma palestra que se utiliza do racional, da lógica, consegue-se o impacto através de recitação ritualística, imagens, sons, música, vestes, aromas, movimentos, enfim, impressões sensoriais que conduzam o participante a outro plano de consciência.

Muitos maçons, hoje, ainda não conseguem captar, sentir a mensagem oculta na ritualística.

Ser afetado, atingido, tocado pela ritualística nada tem a ver com o grau de alfabetização ou cultural, mas com a sensibilidade e a disposição para acessar o mundo sutil.

O ritual é o “caminho das pedras” para obtenção desse conhecimento, operando a transformação dos homens bons em homens ainda melhores, é a pedra bruta que, se tornando polida, se encaixará na construção do aprimoramento moral e espiritual que é o grande propósito da Maçonaria.

Velado por símbolos e alegorias, o ritual maçônico age sobre a mente dos iniciados capacitando-os para que sejam elementos sinérgicos de transformação social, possibilitando, assim, tornar feliz a humanidade.

Imprescindível no processo ritualístico, a Iniciação do candidato é a Pedra Fundamental, ou Pedra Nordeste – assim chamada por muitos pesquisadores porque nas construções dos templos e catedrais o nordeste era o local onde se colocava a primeira pedra –, e serve simbolicamente como o primeiro marco referencial de um período de transição onde morre o homem profano para nascer um novo ser, o homem maçom.

A partir desse momento, se inicia a caminhada e o desenvolvimento mental de um novo elemento no seio da Maçonaria, que se utilizará de símbolos e alegorias contidos no Ritual para alteração do seu nível de consciência, proporcionando o acesso ao transcendente e ao fortalecimento da unidade entre os irmãos.

n nomine

Segundo o irmão Akram R. Elias, em sua obra *The "Magic" of the Masonic Ritual*, Platão acreditava que os rituais, através do simbolismo, conduziam esse mundo ao seu mundo gêmeo, o que da mesma forma dizia Hermes Trismegisto: “o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima” (*O Caibalion*).

Esse é o caminho traçado pelo ritual maçônico, sendo, porém, necessário que os maçons, ao lerem o ritual, dele participem como se o estivessem vivenciando, ou jamais a loja tingirá seus objetivos, e seus membros nunca entenderão a essência da Maçonaria.

O ritual ainda promove a ruptura com os resíduos do mundo profano levados para a sessão maçônica.

“*Aqueles que passam pelos mistérios não devem aprender, mas devem ser afetados*”. Essa citação de Aristóteles precisa ser enfatizada. O ritual não se dirige à instância lógico-formal da mente, pelo contrário, é através de uma comoção, de um abalono mais esconsos, profundos e arcaicos arcanos da mente. Não se mede ou se descreve em palavras.

O ritual não explica, não fala. Impacta como um soco. É o assombro à presença.

A transmissão do conhecimento

O processo de transmissão do conhecimento contido no ritual maçônico é sutil e construído como uma sequência de textos escritos, porém, velados por símbolos e alegorias, que indicam o caminho a ser percorrido até que os iniciados estejam aptos finalmente a responder: o que viemos fazer aqui.

Para entender o processo de comunicação utilizado na ritualística e seus efeitos, necessariamente teremos de conhecer a estrutura da mente humana e suas funções.

A mente humana é como se fosse o software de um computador, sendo o cérebro o hardware, a matéria. A mente é imaterial, intangível e incorpórea.

A psicanálise, para representar a mente, utiliza os termos consciente, superego e inconsciente. O consciente é a interface onde ocorre a percepção da realidade e corresponde ao aqui e agora ou à instantaneidade. O superego é a instancia repressora, representa as injunções e tabus da cultura humana. Filtra e reprime os instintos primitivos de forma que sejam suportados pelo consciente. É o que nos permite viver em sociedade.

O inconsciente é único, mas formado por camadas, desde as mais superficiais às mais profundas, com sucessivos e crescentes níveis de acessibilidade. Os rituais acessam o inconsciente gerando reações em cadeia, repercutindo no consciente de forma inesperada, gerando mudanças de estado ou alterações do grau de consciência.

O conceito de Jung do inconsciente coletivo complementa a visão freudiana do inconsciente, este último marcado apenas por vivências pessoais.

“*Somos engrenagens de uma máquina cultural, uma entidade sofisticada que nos transmite padrões e inculca significados que herdamos uns dos outros*” – Carl Jung.

Segundo Jung, o inconsciente coletivo é formado essencialmente por arquétipos, materializados pelo pensamento através da repetição de um tema por várias gerações, criando, dessa forma, um banco de dados mental comum, utilizado para representar padrões de comportamento associados a pessoas ou a um meio social.

Considerando que todas as informações armazenadas no inconsciente coletivo são essencialmente arquétipos, os mitos assim materializados são padrões herdados da humanidade e constituídos por uma forte carga energética que utilizam a magia ritualística para transmitir o conhecimento armazenado no inconsciente, estabelecendo a força da unidade entre os irmãos e a perenidade da Ordem, sendo mais fortes quanto mais esses mitos forem marcados pela repetição do ritual.



Toda essa riqueza estabelecida foi arduamente elaborada por muitíssimas gerações e representa princípios e práticas resumidos, manifestados, destilados da sabedoria dos antigos tempos. Tal sabedoria contém uma magia oculta pelos símbolos e expressa a verdade de toda uma estirpe, de toda uma linhagem.

Qualquer mudança, por mínima que seja, fará perder toda a essência dessa verdade. Os maçons são os seus guardiões, e é exatamente essa a função precípua da Maçonaria.

O ritual acabado resulta de uma longa prática cerimoniais ao longo de milênios, que busca arduamente descobrir um formato ideal que logre acessar os mais profundos arcanos do inconsciente, recriando as estruturas míticas. O ritual evoca o mito recriando sua estrutura. Um longo e milenar esforço logrou encontrar um formato tal que provoque impacto estético-sensorial que acarreta uma profunda mudança de estado da mente.

Esse é o motivo pelo qual a ritualística não deve ser alterada e jamais deixar de ser praticada com toda sua força e vigor.

Marcos referenciais ritualísticos

O ritual maçônico transmite os mistérios profundos da Maçonaria e seus efeitos na psique humana, devendo o maçom, ao vivenciá-lo, estar sempre atento aos marcos referenciais contidos nas alegorias e símbolos deixados propositadamente no caminho a ser percorrido.

Os marcos referenciais temporais estão presentes a todo momento na ritualística, e um dos principais pode ser observado logo que a loja é aberta, momento que, simbolicamente, representa a ruptura com o mundo profano e a entrada no espaço sagrado, sendo este o motivo pelo qual o templo deve ser preparado para os trabalhos,

nele só adentrando os obreiros incumbidos de sua preparação.

Quando o Segundo Vigilante, ao iniciar os trabalhos, informa ao Venerável Mestre que são “*meio-dia em ponto*”, ele está se utilizando de uma alegoria indicativa de um horário que não pertence ao tempo profano, mas sim ao sagrado.

A partir desse momento, os planos físico e espiritual se unem formando a egrégora própria da loja, e inicia-se a expressão de um ritual, o qual, como já mencionado, é cuidadosamente programado para levar a mente dos maçons, de forma inconsciente, a um reenquadramento em relação à realidade com consequente mudança de conduta.

O reenquadramento é fator tão importante na ritualística e nos efeitos gerados por ela que foi inserido no 18° Landmark, desaprovando a iniciação de um profano com defeitos físicos, tendo em vista que a limitação impedirá o reenquadramento nas condições adequadas para ligação física a espiritual.

A esse fato, Daniel Beresniak declara em sua obra *Rites et Symboles de la franc-maçonnerie* que “usar um avental como um artesão é definir-se como um artesão, integrando seu estado de espírito a uma abordagem da realidade”.

Assim, as ferramentas referenciadas no ritual maçônico são símbolos relacionados com a arte da construção e assumem metaforicamente a representação real do ofício, criando as condições necessárias para conduzir a mente do maçom ao reenquadramento.

É a manifestação do mito pelo reenquadramento das imagens simbólicas.

Os marcos referenciais estão presentes em todo o ritual, e o maçom precisa estar atento a eles e ter sempre em mente que nada, absolutamente nada, está lá por acaso.

Conclusão

Como dissemos no início deste trabalho, o grande propósito da Maçonaria é o aprimoramento moral e espiritual do maçom, ou seja, transformar um homem bom em um homem ainda melhor, servindo este como elemento de transformação social.

O caminho escolhido para esse aprimoramento é a ritualística, que agindo de forma inconsciente sobre a mente do maçom acessará os arquétipos de um banco de informações pretéritas de toda humanidade.

O Rito Escocês Antigo e Aceito, em particular, é essencialmente um processo de alta espiritualidade e foi estruturado em torno de mitos que se utilizando de simbologias e alegorias servirão de suporte a um sistema de valores.

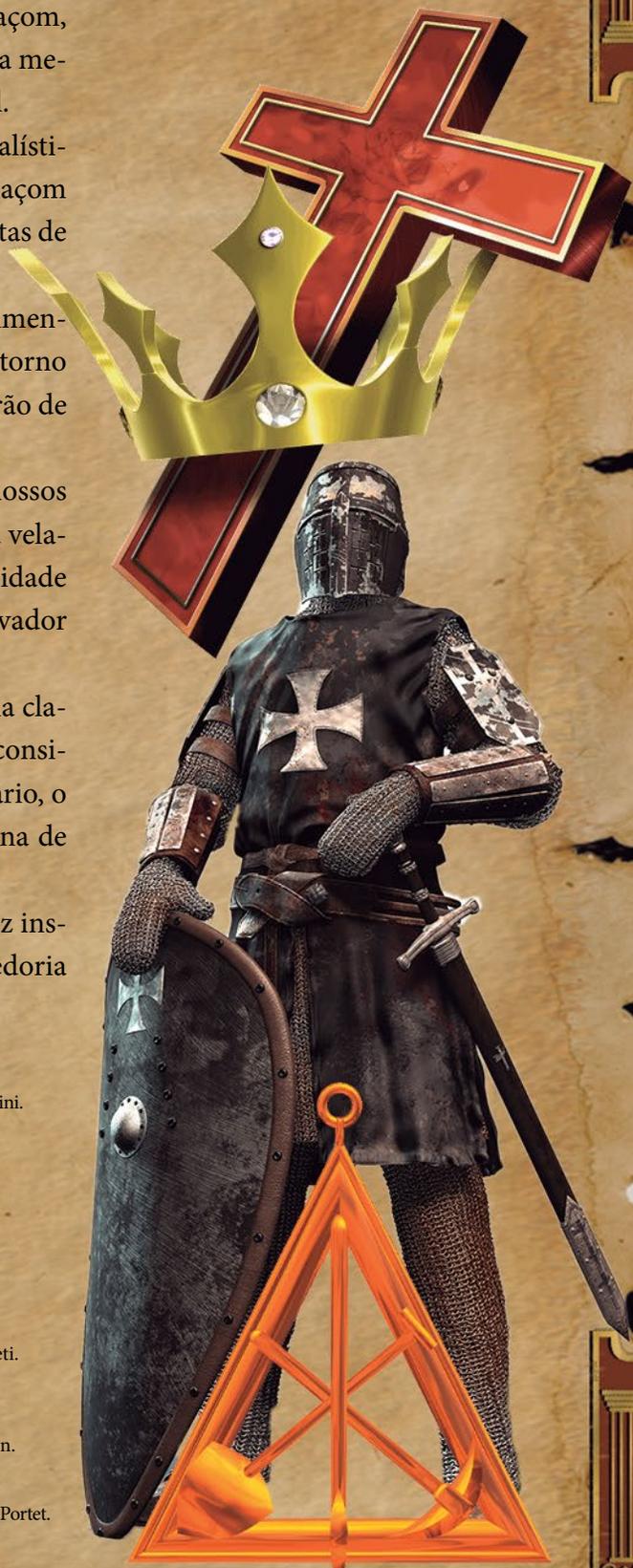
Todo esse conhecimento esotérico foi codificado por nossos irmãos antepassados e são transmitidos no ritual de forma velada, cabendo aos obreiros sua decodificação. A rigorosa fidelidade ao ritual não se deve a tradicionalismo reacionário, conservador de per si, mas pelos fatores expostos acima.

Eis a importância da recitação correta do ritual, de forma clara, com boa dicção, sem pressa, enfim, viver o ritual sem considerá-lo como mera e inútil formalidade. Muito pelo contrário, o ritual é exatamente o que diferencia uma cerimônia profana de uma sagrada.

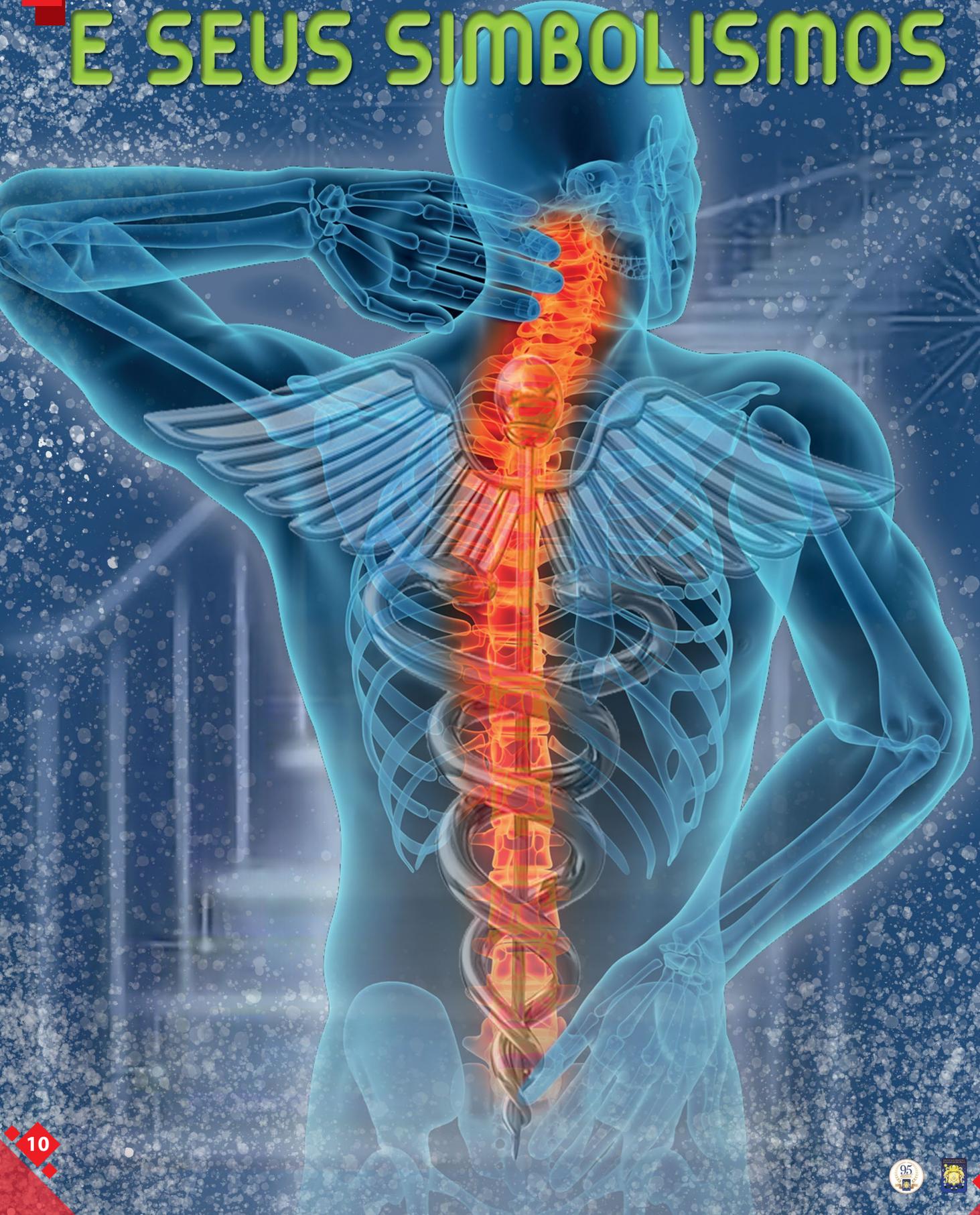
A exposição harmônica, correta e fiel do ritual é a matriz instauradora de uma egrégora apta a gerar conhecimento, sabedoria e evolução espiritual ao Homem Maçom.

Bibliografia

- *O Arquétipo na Teoria Junguiana e os Modelos Emergente e Evolucionista* – Wolney Martini.
- *Antigos Rituais Maçônicos, Rituais e Mitos* – Paul Wagner.
- *O Poder do Mito* – Bill Moyers.
- *Evidência de significado oculto no ritual maçônico* – W. Bro. Rob Lund.
- *Guia dos Maçons Escoceses* – elaborado pelo Grande Oriente de França em 1804.
- *Reflexões sobre a doutrina do Rito Escocês Antigo e Aceito* – Paolo Lucarelli.
- *Rituais, símbolos e mitos* – Hans-Jürgen Wegmann.
- *Ritualidade maçônica, significados básicos e objetivos* – Johann Wolfgang Goethe.
- *Evolução de ritos e práticas* – Catherine Le Grand-Séville.
- *Manual of the Lodge (1891)* – Albert Gallatin Mackey.
- *Símbolos, mitos e arquétipos* – Roberto Daris.
- *Os mitos fundadores da Maçonaria* – entrevista com os professores Nicolai e Pruneti.
- *Ritual: sua importância e significado* – W. Bro. Victor G. Popow.
- *Teoria da ligação ritual. Antropologia e comunicação* – Pascal Lardellier.
- *Os efeitos do Ritual Maçônico* – Kristine Wilson-Slack.
- *O ritual como continente psíquico da transformação* – Elisabeth Bauch Zimmermann.
- *O princípio da triangulação nos ritos maçônicos* – Celine Bryon-Portet.
- *Função dos rituais na Maçonaria* – Kojin Sensei.
- *O papel das representações simbólicas e das práticas rituais da Maçonaria* – Celine Bryon-Portet.
- *A “Magia” do Ritual Maçônico* – Akram R. Elias.



A COLUNA VERTEBRAL E SEUS SIMBOLISMOS



Irmão Denilton dos Santos

Loja São Vicente, 306 – Oriente de Santos

A coluna vertebral, também conhecida com espinha dorsal, é uma estrutura que se estende do crânio até a pelve e dá movimento e sustentação ao nosso corpo físico. A pessoa adulta possui 33 vértebras sendo: sete vértebras cervicais, 12 torácicas, cinco lombares, cinco sacrais e cerca de 4 coccígeas.

Na Índia, a espinha dorsal é chamada de Bramadanda, ou Bastão de Brama, que simboliza igualmente o Caduceu de Mercúrio com suas duas serpentes e a Kundalini, também denominada Serpente Ígnea, uma energia que se move ao longo do canal medular. As asas do Caduceu representam o poder conferido pelo fogo que o eleva aos planos superiores.

A espinha dorsal é coluna mestra que sustenta todo o edifício do templo, por onde caminha, flui, a energia ou fogo serpentino durante a sua ascensão.

Na Bíblia, encontramos a referência dessa energia que flui pela medula espinhal em Genesis 28: 11-13, quando Jacó, chegando a um lugar onde passou a noite, pois o Sol era posto, tomou uma das pedras daquele lugar como seu travesseiro e sonhou com uma escada posta na terra, cujo topo tocava nos céus, os anjos de Deus subiam e desciam por ela e o Senhor estava em cima dela.

Jacó representa o iniciado que, em seu caminho, em sua vida, na ausência de luz do Sol, à meia-noite, repousa, medita e trabalha na pedra e tem a visão da escada apoiada na terra, onde estão as energias densas, telúricas que sobem aos céus na forma de anjos. Esse fluxo energético simbolizado pelos anjos que sobem e descem através dessa escada, a Coluna Vertebral, é a Kundalini.

A palavra “Escada” é construída sobre a raiz S – K – L, que encontramos em todos os convites à “escalada”: Escada, Schola, School, Escola, Esqueleto...

Na visão de Jacó, se confirma a imagem de dois polos: Terra e Céu, Denso e Sutil e Fundamental e Coroa que encontramos nas Sephiroth.

Da base da coluna até o alto da cabeça estão centros de energia conhecidos como chakras. Esses centros, ou rodas, são despertos quando a energia ígnea ou fogo serpentino vai subindo pelas coluna, tendo aí a escalada dos Iniciados. ♦

Fontes:

- *O simbolismo do corpo humano* – Annick de Souzenelle.
- *Os chakras ou os centros magnéticos vitais do ser humano* – C. W. Leadbeater.
- www.estudopratico.com.br
- www.auladeanatomia.com

A man with a cybernetic head and chest, holding a small object. The man's head is partially replaced by a complex, metallic, circular structure with intricate patterns. His chest is open, revealing internal mechanical components and wires. He is holding a small, dark, cylindrical object in his hands. The background is dark and textured, possibly a wall or a large object.

Reflexões éticas e filosóficas sobre a
IMORTALIDADE

Irmão Sérgio Ferreira Barbosa

Loja Primeiro de Janeiro, 113 – Oriente de São Paulo

Imagine que no futuro a ciência consiga transportar a sua consciência para qualquer corpo que você escolher. Todos seus pensamentos, memórias acumuladas e experiências serão preservados – em resumo, todo o seu capital intelectual.

Basicamente funcionaria assim: a sua consciência seria digitalizada e armazenada em um microchip ou micro pen drive, que, por sua vez, ficaria conectado em seu cérebro.

Caso seu corpo morresse ou tivesse uma doença terminal, você poderia deixar programado para que retirassem esse cartão de memória para ser facilmente implantado em outro corpo.

Caso não quisesse outro corpo, também teria possibilidade de clonar o seu corpo atual, e dessa forma você poderia estar aqui, durante 10 mil anos se quisesse ou até o final dos tempos.

Caso fosse você muito ocupado, poderia fazer um Double Sleeve, ou seja: faria um ctrl+c e ctrl+v de sua consciência e replicaria esta no seu novo corpo clonado. Ideal para pessoas que reclamam que não têm tempo para nada, imagine dois, três ou até quatro de você para resolver todos os problemas do dia a dia.

Um iria na reunião de negócios, e o outro almoçaria com a esposa – e o melhor de tudo: você não seria traído, lembre-se é uma cópia da sua consciência no clone do seu corpo.

Os benefícios não acabam aqui, o que hoje conhecemos como servidor nas nuvens, também vai se aplicar nessa época.

Exemplo: Você programa para que exatamente à meia-noite ocorra o backup automático de sua consciência para o servidor. Dessa forma, todas as suas memórias e registros do dia anterior estarão salvos, nem um momento sequer ou nem uma vaga lembrança serão perdidos.

A morte só ocorreria se alguém destruísse o seu dispositivo de memória, apagando assim todas as suas lembranças. Mas como disse, ainda assim seria possível fazer um backup on-line de sua consciência, a qual estaria armazenada em nuvens.

Os seres humanos teriam chegado na imortalidade? Nem todos, pois trocar de corpo ou capas teria um custo elevado. Só os super-ricos poderiam trocar a hora que quisessem, dado aos elevados custos do procedimento.

As desigualdades sociais aumentariam, e o pior de tudo, a completa destruição da ética. Quem decide quem vive e quem morre serão os valores monetários e não os valores morais.

A população pobre que gostaria de trocar de capa acabaria se endividando em pesados financiamentos. E, às vezes, o melhor que conseguiriam seriam as capas antigas ou com problemas de funcionamento. A desigualdade imperaria de forma impiedosa: imagine uma criança de 11 anos com uma doença terminal ser encapada em um corpo de 93 anos, pois essa seria a melhor capa que o dinheiro do seu pai poderia comprar.

Para questionamentos como “O que é a vida?”; “Para que ela serve?” e “Qual o seu fim?”, sabiamente a própria instrução nos dá a resposta, onde diz: nunca saberemos, eis a verdade!

Mas digamos que no futuro se apresente o mundo da imortalidade citado acima. Mais uma vez, temos a sabedoria da resposta, na Quarta Instrução: “Mas, então, devemos ficar inertes, irmão Primeiro Vigilante? Não, Venerável Mestre, no desejo de querermos saber, buscamos avidamente adivinhar o eterno enigma. Crentes que este é o nosso mais nobre e mais elevado destino”.

A verdade, esse mistério intangível que nos atrai com força irresistível, é muito vasta, muito vivaz, muito livre e muito sutil para deixar-se prender, imobilizar e petrificar na rigidez de um sistema filosófico. Os artifícios e as roupagens com que as reveste, para

nos permitir tentar conhece-la, só servem para deturpá-la, tornando-a, o mais das vezes, irreconhecível. É por isso que tudo o que se procura objetivar por subterfúgios será, sempre, reflexo ilusório, apagada imagem, da grande verdade que o iniciado busca contemplar face a face.

Para as perguntas “O que é a vida?”; “Para que ela serve?” e “Qual o seu fim?”, ainda não temos as repostas.

Mas se pudéssemos brincar de Deus e trocar de corpo, como trocamos de roupa, e ainda preservar toda nossa consciência? A resposta talvez fosse mais clara e, com certeza, também seria mais egoísta. Talvez responderíamos assim:

Pergunta: O que é a vida? Resposta: Uma sucessão de episódios que pode se repetir para quem tem dinheiro; afinal a vida é a faculdade de resistir à morte.

Pergunta: Para que ela serve? Resposta: Para aumentar o patrimônio, dominar coisas e pessoas, sem se preocupar com o fim eminente.

Pergunta: Qual o seu fim? Resposta: Não tem mais fim, agora somos imortais, ricos e poderosos, e que se dane o resto do mundo. Agora somos deuses.

Certamente, essa seria a resposta de muitos ricos e poderosos, só restando aos menos afortunados aceitarem os ciclos naturais das coisas, vendo o mesmo velho mundo de sempre, onde são privados da igualdade social.

Caríssimo leitor, se pudesse fazer as escolhas abaixo:

A) A vida é cíclica, nascemos, crescemos e morremos, acredito e confio nos planos do Grande Arquiteto do Universo, não aspiro a imortalidade apenas nesse plano.

B) Ser imortal, trocar de corpo a hora que eu quiser, ter comigo todos aqueles que me são caros, para todo o sempre. Não me importo mais com a ordem natural das coisas.

Qual seria a sua escolha? ◆

Fontes:

MORGAN, Richard. *Carbono Alterado*. (Volume 1). Editora Bertrand Brasil.



APENAS MAIS UM?

Irmão Humberto do Nascimento Filho
Loja Caridade, 712 – Oriente de São Paulo

Do Macrocosmo infinito, onde resplandecem a ordem e a beleza do Trono do Grande Arquiteto do Universo entre infinitos e cada vez mais prováveis multiversos, pende o nosso Universo observável com seus 16 bilhões de Anos Luz de extensão.

Nele, entre várias constelações, surge uma das menores, em espiral, como uma escada em caracol, a nossa Via Láctea, englobando quase 400 bilhões de estrelas, uma delas o nosso Sol.

E girando ao redor do Sol, a Terra, nosso orbe, nossa escola, nosso hospital. Um grão de areia nessa praia sem fim. E é na Terra, entre quase 8 bilhões de seres humanos que nela coabitam atualmente, que vive um deles: você!

Pensando assim, poder-se-ia até pensar que somos insignificantes, quase um “nada” nesse imenso sistema.

Agora pense nessa grandeza toda registrada acima e compare com o tamanho do seu polegar. Incomparável, não é? E, no entanto, nenhum outro ser, dos 8 bilhões de hoje, ou de tantos bilhões de ontem, traz estampado em seu polegar uma impressão digital igual a sua. Você é único e não só pela sua digital, mas pelo seu todo, sua caminhada, sua intuição.

O Ser em Si, causa primária de tudo o que existiu, existe e existirá, na Sua infinita sabedoria, te quis único. Sim, você é único no mundo! Aí está uma prova da sua importância e de quanto cuidado a providência divina te reveste. Sinta-se abençoado!

No entanto, antes que o orgulho invada a alma, lembre-se que o fato de ser único no mundo te responsabiliza também única e igualmente por seus atos. Você é único e tem compromissos únicos.

Cada vez que não conseguimos vencer as dificuldades interpostas em nossos caminhos para nos reunirmos em nome do G.:A.:D.:U.: e prosseguirmos em nosso labor, o Universo registra a nossa ausência.

Mas não, ninguém é insubstituível! Quando, por exemplo, você falta a uma das sessões, por um motivo justo ou nem tanto, a Sabedoria providencia a devida reposição por outro irmão, que executará o trabalho a contento, mas nunca como você o faria, porque, repito, você é único!

Disse a poeta, com muita propriedade: O vento é sempre o mesmo, mas sua resposta é diferente em cada folha (Cecília Meireles).

Pensamentos como “os que forem farão por mim”, “tive um dia corrido”, “estou cansado demais para ajudar”, entre outros, podem nos ocorrer. A decisão de ouvi-los, entretanto, será de cada individualidade.

No livro *O Pequeno Príncipe*, há uma frase lapidar que merece profunda reflexão e que reproduzo livremente, mantendo sua essência: “você é responsável pelo que cativou!”. Assim, ao nos associarmos a um grupo, profano ou maçônico, passamos a comungar da mesma egrégora, cativamos e somos cativados, assumindo como seres únicos um espaço astral único.

Nossa cadeia de união, apesar do nome, não tem a intenção de prender, nem de tolher a liberdade de escolher estar aqui ou não, mas de ressaltar que cada um de nós é um elo e, como tal, guiado por todos os que nos precedem, assim como responsável por todos os que nos seguem os passos.

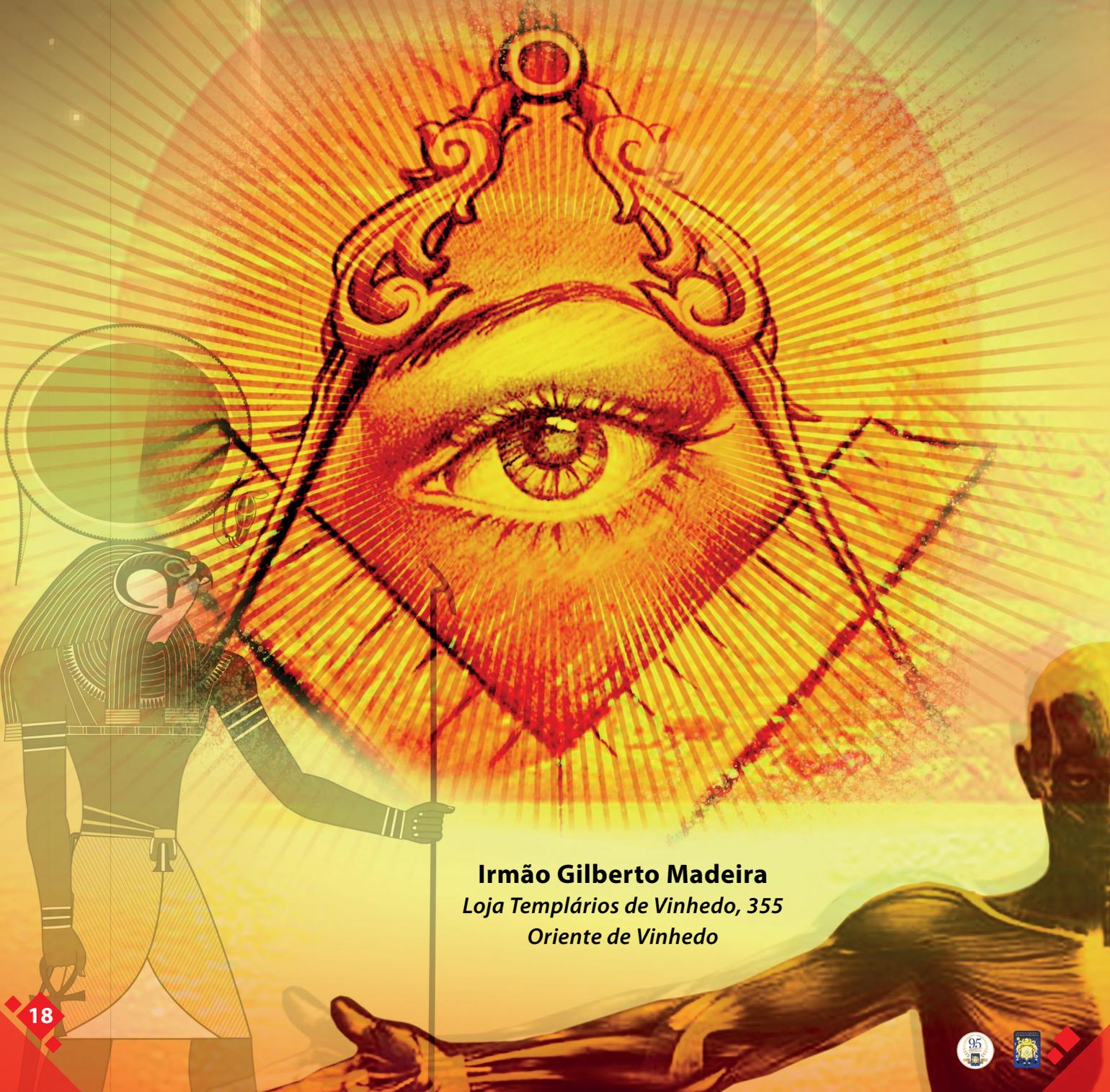
Nossa loja continuará executando seu labor, a cada dia, até que a humanidade se torne feliz, pelo amor e pelo aperfeiçoamento dos costumes, estejamos todos presentes ou não.

Mas o fato incontestável é que nesse Universo infinito, entre bilhões de estrelas e seus planetas e dos 8 bilhões de humanos, faltando um que seja em nossa loja, nunca seremos o mesmo “Nós”!

Tudo isso para dizer que sua presença é importante, sempre! ◆



Origem: da Pré-História à Maçonaria Moderna



Irmão Gilberto Madeira
Loja Templários de Vinhedo, 355
Oriente de Vinhedo

Ainda na adolescência, quando li pela primeira vez o livro *Eram os Deuses Astronautas?*, de Erich Von Däniken, algumas questões de cunho filosófico, religioso e físico têm me feito refletir sobre a origem das coisas com as quais me deparo. Sempre me pergunto: Será que somos os únicos habitantes do Universo? Terá sido o Big Bang, como diz a Física, a origem desse imenso Universo, ou o correto é o relato bíblico? Voltaremos ao pó do qual viemos ou somos realmente seres imortais com uma missão aqui na Terra? O que há nos “bastidores” dessa ou daquela narrativa?

Há muito o que ser decifrado ainda, porque “agora vemos como por espelho, em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei plenamente, como também sou plenamente conhecido” (BÍBLIA, I Coríntios, cap. 13, ver. 12).

Assim, com essa mesma curiosidade e desejo de saber, entrei para a Maçonaria. Cada símbolo, cada significado me impulsiona a ir mais fundo para o meu melhor entendimento. Entendo que cada um anda na luz que tem, e as narrativas são construídas a partir dessa luz que cada um angariou no decorrer de sua vida. Além do que, nossa zona de conforto é, comumente, um obstáculo para que nos embrenhemos em terrenos desconhecidos. É mais fácil nos mantermos no mundo que nos é familiar do que sairmos para explorar o passado, na tentativa de descobrir quais mistérios estão na raiz das explicações presentes e construir uma visão de futuro.

Contudo, a Maçonaria nos motiva a estudar, “[...] porque a ignorância é a mãe de todos os vícios e seu princípio é nada saber; saber mal o que se sabe e saber coisas outras além do que deve saber. [...]” (GLESP, p.90).

Quando li a trilogia de livros de Laurentino Gomes – *1808, 1822 e 1889* –, muitos dos relatos apresentados me causaram impacto frente ao que me havia sido ensinado na escola. As narrativas glamorosas dos livros de História caíram por terra. Como exemplo, cito os registros do Padre Belchior Pinheiro de Oliveira, que teria virado testemunha do grito do Ipiranga por acaso. Vigário da cidade mineira de Pitangui, era maçom e sobrinho de José Bonifácio de Andrada e Silva, e assim escreveu Gomes:

“[...] Prostrado pelos problemas intestinais, o príncipe refugiou-se na modesta estalagem situada à beira do porto. Maria do Couto, responsável pelo estabelecimento, preparou-lhe um chá de folhas de goiabeira, remédio ancestral usado no Brasil contra diarreia. [...]” (GOMES, p.344).

Bem diferente daquele relato que nos fizeram acreditar – um príncipe garboso e altivo, montado num cavalo de grande porte, como pintado por Pedro Américo. Não há nada de errado no fato de o Príncipe Regente Dom Pedro estar doente com diarreia. O que não é digno é a necessidade de se fazer narrativas não verdadeiras, pois criam imagens distorcidas da realidade.

Dentro dessa linha de raciocínio, de procurar a verdade oculta por trás de narrativas, tenho me dedicado a encontrar os tesouros maçônicos escondidos sob a areia do tempo.

Desde que ouvi que a Maçonaria Moderna havia sido estabelecida em 1717, passei a me perguntar – e o que existe antes daquela data? Como era a Maçonaria Operativa? Qual a real origem da Maçonaria?

A única resposta que eu tenho – e que considero verdadeira – é a que me faz acreditar que há um conhecimento ancestral no âmago da história e dos rituais maçônicos. E isso nos é afirmado na 1ª Instrução de Aprendiz que diz:

“[...] a Maçonaria, no século XVIII, restabeleceu dentro de nossas Lojas a tradição dos ensinamentos esotéricos ministrados nos Santuários Egípcios [...]” (GLESP, p. 67).

Portanto, a própria Maçonaria deixa claro que há muito mais para trás. Em *O Livro de Hiram* (KNIGHT, LOMAS, p.27), o qual utilizo como literatura de base para escrever este texto, lê-se:

“[...] a Maçonaria é uma enorme e não aproveitada fonte de informação a respeito do nosso passado, que corre grande risco de ser perdida para sempre. Mas perder a informação enterrada com os seus rituais, antes que sejam devidamente entendidos, seria jogar fora um dos maiores tesouros do mundo ocidental [...]”.

Da minha parte, cada vez que participo de uma sessão maçônica, em diversos momentos eu me pego olhando para cada símbolo existente no templo e me sinto incomodado por não conhecer a origem e a profundidade de cada significado. É como se cada

um deles me dissesse – estou aqui para ser decifrado e conhecido por você; tenho muito a lhe dizer.

Da mesma forma, cada passo do Rito Escocês Antigo e Aceito – Glesp, praticado em minha oficina, é, em si mesmo, essencial na minha motivação para desvendar o que aconteceu antes de 24 de junho de 1717 (formação da United Grand Lodge of England).

Para a construção do raciocínio desta peça de arquitetura, destaco alguns trechos do Ritual do Simbolismo do Aprendiz Maçom (GLESP, pp.15,29) que considero de muita relevância:

“[...] Para melhor observar o Sol em seu meridiano [...]”;

“[...] assim como o Sol nasce no Oriente para fazer sua carreira e iniciar o dia, aí fica o Venerável Mestre, para abrir a Loja, dirigi-la em seus trabalhos e esclarecer os obreiros com as Luzes de sua Sabedoria [...]”;

“[...] assim como o Sol se oculta no Ocidente para terminar o dia [...]”.

E a pergunta que faço é: Por que o Sol tem tanto destaque no nosso ritual? Será somente porque determina o tempo de trabalho de um Aprendiz?

Certamente que não, pois há, na figura do Sol, um grande significado esotérico, bem como ele diz respeito à origem da Maçonaria, como veremos na sequência.

Na Segunda Instrução – Ritual do Simbolismo do Aprendiz Maçom (GLESP, p.76) é ensinado:

“O Sol, que representa a principal Luz da Loja, simboliza a Glória do Criador e nos dá o exemplo da maior e da melhor virtude que deve encher o coração do Maçom: a Caridade. Espalhando luz e calor, ensino e conforto, por toda parte onde atingem seus raios vivificantes, nos ensina a praticar o bem, não em círculo restrito de amigos ou afeiçoados, mas a todos aqueles que necessitam, até onde nossa caridade possa alcançar.”

Importante lembrar que o Sol, nascendo no Oriente, se põe no Ocidente. Essa trajetória traça o eixo imaginário da loja, dividindo-a ao meio, o qual nos remete aos conceitos esotéricos encontrados nos ensinamentos da Maçonaria Operativa (KNIGHT, LOMAS, p.40):

- A tecnologia da construção em pedra é vista como um ato espiritual;
- O layout do templo maçônico e os rituais são baseados na astronomia;
- Deus é associado ao Sol;
- A elevação helicoidal de Vênus no equinócio marca a vida restaurada;
- Os solstícios de verão e de inverno são importantes;
- O estudo da natureza e das ciências é importante.

O *Livro de Hiram* (supracitado e literatura base para este estudo) é uma investigação científica baseada em fatos documentados e permite nos aproximarmos da razão e do significado de muitos dos símbolos que ajudam no caminhar maçônico, o qual vem sendo traçado a partir de uma cultura pré-histórica, advinda de uma civilização conhecida como o Povo do Pote Entalhado.

Esse povo viveu no período Neolítico, que marcou o fim da Idade da Pedra. São tidos como construtores megalíticos (a palavra significa pedras enormes) e habitavam o que hoje é Gales, Escócia, Irlanda, Inglaterra, França, partes do sul da Escandinávia, norte da Espanha e Malta.

Sir Norman Lockyer, em 1901, publicou um estudo sobre templos do antigo Egito, na (ainda hoje prestigiosa) *Revista Nature*, que deu origem ao livro *Stonehenge and Other British Stone Monuments Astronomically Considered*.

Nesse livro, Sir Norman aponta que muitos templos eram construídos de tal maneira que permitiam que o Sol brilhasse em importantes áreas do

seu interior em dias especiais do ano. Observou, ainda, que diversos sítios arqueológicos megalíticos ao redor do mundo, inclusive Stonehenge – Inglaterra, foram construídos observando alinhamentos astronômicos, baseados nos solstícios e equinócios, porque a elaboração dos calendários e as construções foram efetuadas segundo os registros e medições dos movimentos do Sol.

É importante destacar, também, que muitas dessas construções foram feitas obedecendo um mesmo padrão de medida, o que hoje é conhecido como a Jarda Megalítica (0,82966 metros), a qual é correlata às medidas usadas pelos egípcios e sumérios – o cúbito real, a polegada faraônica e o pé sumério, respectivamente.

Outro exemplo significativo é o famoso Palácio de Cristal – Newgrange, uma impressionante construção megalítica no Vale de Boyne, na Irlanda. Trata-se de uma edificação de 280 mil toneladas que começou a ser construída por volta dos anos de 3.500 a.C. Mais de 2.500 anos antes que os construtores de Hiram Abif lançassem os alicerces do Templo de Salomão.

Seu aterra é feito de pedras roladas de granito, e a parede que está voltada para o Leste (Oriente) é recoberta com quartzo branco brilhante. A concepção desse edifício é única. Sua planta mostra que o edifício foi feito de uma série de sessões parabólicas que o fazem quase circular, com um diâmetro de mais ou menos 100 metros, e corresponde perfeitamente ao templo descrito em *The Books of Enoch* (HISTORY ACADEMY, p.1052), cuja localização corresponde à de Newgrange.

E eu fui até perto de uma parede construída de cristais e rodeada

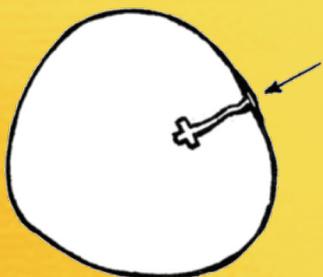


por línguas de fogo: e ela começou a me assustar. E eu fui dentro das línguas de fogo e cheguei perto de uma casa grande que era feita de cristais: e as paredes da casa eram como um mosaico de cristais.

Essa edificação é formada, basicamente, de um estreito túnel em curva ascendente, de 19 metros, dentro do aterro situado na parte central da parede de quartzo branco e vai até uma câmara enterrada dentro da construção e cuja entrada está alinhada a uma posição do Sol no amanhecer do Solstício de Inverno, quando o Sol está posicionado mais ao Sul, de tal sorte que um feixe de luz apertado espalha um intenso brilho ao atingir a parede do fundo da câmara, que tem o formato de cruz.

Também foi projetado para captar a luz de Vênus a cada oito anos, quando o planeta completa uma estrela de cinco pontas, dado que orbita o Sol a cada 224,7 dias, retornando à sua posição original 40 anos depois. Isso nos remete à Estrela Flamejante.

Importante frisar, também, que o estreito túnel está alinhado por 22 pedras do seu lado esquerdo, e 21 do seu lado direito, e, à sua entrada, há uma enorme pedra entalhada com espirais entrelaçadas, formando símbolos típicos do Povo do Pote Entalhado.



Planta de Newgrange mostrando como foi concebido para permitir que a luz de Vênus entrasse na câmara interior no solstício de inverno.

Fonte: (KNIGHT, LOMAS, p.55)

Dando um salto na história até o período dos Cavaleiros do Templo de Salomão, também chamados, a princípio, de Príncipes de Jerusalém e Cavaleiros do Oriente e Ocidente, há relatos de uma linhagem hereditária de hebreus, vinda dos tempos do Tabernáculo de Moisés, cujos membros foram chamados de sacerdotes-maçons (KNIGHT, LOMAS, p.67):

“Moisés criou Príncipes do Tabernáculo. Os deveres especiais de um Príncipe do Tabernáculo eram trabalhar incessantemente pela glória de Deus, a honra de seu país e a felicidade de seus irmãos.”

Esses Príncipes do Tabernáculo se aliaram aos Cavaleiros Templários, conforme relato a seguir (KNIGHT, LOMAS, pp. 68,69):

“Finalmente, quando chegou o tempo, os Príncipes Cristãos formaram uma aliança para libertar a Terra Santa da opressão dos infiéis, os bons e virtuosos maçons, ansiosos por piedosa incumbência, ofereceram seus serviços aos aliados [...]”.

J.S.M. Ward, em estudo sobre rituais maçônicos, concluiu que os documentos que dispunha indicavam que, por volta de 1140, com o retorno de alguns daqueles Cavaleiros Templários à Escócia, diversos pergaminhos e objetos de grande valor haviam sido levados de volta por aquele grupo.

Provavelmente, essa é uma importante ligação entre os Templários e a Maçonaria Operativa na Europa (KNIGHT, LOMAS, p.69):

“Um grupo foi para a Escócia e estabeleceu uma loja em Kilwinning, ali depositando os registros da Ordem em uma abadia que construíram para esse fim.”

Esse fato tem sido validado pela Capela Rosslyn, edifício construído com pedras cuidadosamente decoradas com entalhes, situada a poucos

quilômetros ao sul de Edimburgo, na Escócia. Sua parede ocidental é um grande muro feito com pedras irregulares e inacabadas e em escala diferente da usada no resto do edifício, dando a impressão de que a construção havia sido interrompida bruscamente. Contudo, a missão daqueles construtores era fazer uma cópia precisa das ruínas do Templo de Jerusalém, conforme os Templários o encontram no início do século XII, e como ainda é hoje o chamado Muro das Lamentações.

Um outro aspecto que relaciona os Templários às origens maçônicas é uma pequena escultura na parede sul da capela que mostra uma figura masculina ajoelhada e um homem de pé, atrás dele, levemente à direita, demonstrando um ritual maçônico de Primeiro Grau, o que garante a familiaridade dos construtores escoceses de Rosslyn, William St. Clair e sua família, com a Maçonaria. Esse fato evidência a existência de práticas maçônicas na Escócia já no século XV.

Provavelmente, o Rito Escocês Antigo e Aceito encontra suas referências primitivas no retorno dos Templários de Jerusalém para a Escócia, trazendo junto consigo preceitos judaicos que muito têm influenciado a Maçonaria Moderna, especificamente no que tange a Hiram Abif e à construção do Templo de Salomão.

Desta feita, acredito ter trilhado um pouco do caminho traçado pelos nossos ancestrais maçons do período Neolítico até a formação da Maçonaria Moderna; entendido a razão da importância do Sol no nosso ritual e a razão do nosso Rito ser Escocês, Antigo e Aceito pela Grande Loja Unida da Inglaterra.

Posso, então, concluir que a origem da Maçonaria remonta ao período pré-histórico Neolítico,

época das construções megalíticas, as quais se espalharam pelo Egito, Babilônia, Suméria e Israel, chegando à Inglaterra, França, Espanha e Alemanha pelas mãos dos Templários, que aprenderam em Jerusalém e ensinaram os maçons operativos, precursores da Maçonaria Moderna.

Finalizando, dado esse texto ser tão somente uma pincelada nesse assunto, convido o leitor a conhecer mais sobre os importantes e fundamentais tesouros de nossa Ordem.

Refletir é a vida da alma. ◆

Bibliografia

GOMES, Laurentino. *1822 – Como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram dom Pedro a criar o Brasil - um país que tinha tudo para dar errado*. Globo Livros. Edição do Kindle.

HISTORY ACADEMY. *The books of Enoch: The Ancient Apocryphal Books: Fallen Angels, Giants Nephilim and The Secrets of Enoch*. Edição do Kindle.

KNIGHT, Christopher; LOMAS, Robert. *O Livro de Hiram: Maçonaria, Vênus e a chave secreta para a revelação de vida de Jesus*. 1ª ed. São Paulo: Madras, 2016.

LOCKYER, Norman. *Stonehenge: and other British stone monuments astronomically considered*. Murine Press, (1906) 2007.

Bíblia de Referência Thompsom. Ed. Contemporânea. Editora Vida, 1992.

Ritual do simbolismo do Aprendiz maçom: Rito Escocês Antigo e Aceito. 11 ed. São Paulo: Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, 2017.



Sinceridade, Coragem e Perseverança



Irmão Pedro Aurélio Lemes da Silva
Loja Dr. Roberto Martins de Barros, 691
Oriente de Taubaté

Revisitando o Ritual de Iniciação, hábito que mantenho a cada instrução recebida e no desenvolvimento dos trabalhos a elas relacionados, segue a exortação feita através de uma fala do Venerável Mestre que, em determinado ponto, indica que “na Maçonaria, nada se faz que não tenha a razão de ser”.

Utilizando seus dizeres como chave para este texto, percebi que na fala do 2º Vigilante ele cita as portas ao fim de cada viagem: a primeira porta, situada ao Sul; a segunda, situada no Ocidente; e a terceira, no Oriente; e ainda continua, apontando que na porta situada ao Sul, mandaram-no passar (ar), na segunda foi purificado pela água e na terceira, pelo fogo.

As três portas, sempre referenciadas em sequência, significam as três disposições necessárias à procura da Verdade: a Sinceridade, a Coragem e a Perseverança. A partir da identificação e alinhamento das três disposições com suas respectivas localizações cardeais e elementais, me aprofundei separadamente no significado linguístico de cada uma das palavras, como segue.

Sinceridade

Segundo algumas lendas, na Roma antiga, havia escultores sem tanta habilidade na arte de esculpir, e estes, quando faziam as esculturas de nobres em mármore, acabavam deixando pequenas falhas, como trincas ou erros, em sua confecção. Para corrigir as imperfeições na peça, eles utilizavam um tipo especial de cera, semelhante em cor e textura à pedra em que trabalhavam, visando ocultar defeitos de modo que a pessoa retratada não os percebesse. A cera, no entanto, não possui a resistência e durabilidade do mármore e acabava por desaparecer com o tempo, fosse através do calor ou dos rotineiros processos de limpeza, evidenciando as falhas e se descobrindo que era uma estátua “cum cera”.

Os escultores mais experientes faziam questão de informar que suas estátuas eram totalmente “sine cera”, isto é, perfeitas, sem falhas camufladas pelo artifício da cera.

Com o passar do tempo, sinceridade passou a representar justamente uma qualidade de pessoas que fossem “sine cera”, ou seja, que eram realmente o que aparentavam ser e não tinham defeitos de caráter ocultados por artifícios ludibriosos.

Sinceridade se consolidou, então, como a expressão externa e transparente dos pensamentos, alinhados com a realidade vivida pela pessoa. Essa definição tem implícita a ideia de interação com outros, já que a sinceridade é avaliada na medida em que o indivíduo é representado de forma verdadeira e honesta perante outros. É a virtude de quem se comunica e age de acordo com a totalidade de seus sentimentos, crenças, pensamentos e desejos.

Na mitologia grega, o *eudaemon* (espírito virtuoso) que personifica a verdade e a sinceridade chama-se Aleteia. Ela se opõe aos *cacodaemones* (espíritos viciosos): Dolo (trapaça), Apáte (engano) e Pseudeia (mentira).

Coragem

A palavra “coragem”, oriunda do latim *coraticum*, traduz-se pela capacidade de agir apesar do medo, do temor ou da intimidação. Nesse aspecto, nota-se que coragem não significa a ausência do medo e sim a ação apesar deste, sua transposição.

O temor paralisa o homem. Por sua vez, a coragem permite que enfrente os desafios com confiança e sem se preocupar com o pior – ou disposto a aceitar tal resultado. O medo pode ser constante, mas a coragem impulsiona o indivíduo adiante. Coragem é o combustível propulsor em momentos de temor e dificuldade, fazendo-o agir e enfrentar os problemas e as adversidades.

Os animais (mesmo os irracionais) demonstram coragem quando seus instintos primitivos de necessidade de sobrevivência afloram.

Segundo a mitologia grega, Alce era uma *eudaemon* que personificava a força, a valentia e a coragem e acompanhava Ares, o deus olímpico da guerra, em suas batalhas. Era oposta ao *cacodaemon* Fuge, que representa a fuga, o exílio e a covardia.



Perseverança

O termo “perseverança” tem origem do latim *perseverare*, que significa “manter-se firme, persistir”. Descreve a qualidade daquele que persiste, isto é, daquele que não desiste com facilidade, que mesmo diante de dificuldades continua firme em seu propósito.

É uma qualidade de quem tem constância em relação a suas ações, ou seja, alguém que sabe o que quer e se esforça constantemente para conseguir aquilo que deseja, independentemente das adversidades ou tempo que demore para alcançar seus objetivos.

Perseverar significa perseguir suas metas e se manter fiel a seus propósitos e ideais.

Os aspectos ocultos dos termos

Conforme a sequência apresentada no Ritual de Iniciação, o primeiro ponto cardeal visitado é o Sul, local onde toma assento o 2º Vigilante, que corresponde à prova do elemento Ar, cuja virtude apresentada é a Sinceridade.

Olhando a disposição da loja maçônica conforme a Árvore da Vida da Cabala (que no Rito Escocês Antigo e Aceito notamos a nítida correspondência entre a organização física dos cargos e a árvore), corresponde à sephirah Netzach, que é regida pelo planeta Vênus, o qual, por sua vez, rege o signo zodiacal de Touro.

O elemento ar, conforme a literatura ocultista clássica, corresponde ao domínio dos Silfos, que representam os pensamentos e o intelecto humano. A inter-relação que pude encontrar vendo a palavra “sinceridade” pertencendo ao reino elementar do ar é justamente porque o termo é a expressão exata e “*sine cera*” dos pensamentos e sentimentos do ser, de deixar

fluir o que tem na mente, sem correções ou expressões que possam dar qualquer outra característica, peso ou sentido minimamente diferente do que foi pensado ou sentido. É se expressar sem os “filtros” que possam mudar sua real essência, sendo que as virtudes do planeta regente do ar nessa sephirah são, justamente, o amor e a temperança, imprescindíveis para que a sinceridade não se torne grosseria.

Analisando o próximo ponto, temos o Ocidente, local onde toma assento o 1º Vigilante, cargo que corresponde à prova do elemento Água, cuja virtude apresentada é a Coragem. Seguindo o mesmo método utilizado no primeiro ponto, esse elemento corresponde à sephirah Hod, que é regida pelo planeta Mercúrio, que rege o signo zodiacal de Gêmeos.

O elemento Água, na literatura ocultista clássica, se trata do domínio das Ondinas, que representam os sentimentos e as emoções. Apesar de, em um primeiro momento, pensar em uma característica marciana e ariana para a palavra coragem, o que se justificaria sob a ótica exclusivamente astrológica, ao fazer o paralelo com o elemento Água, o sentido que me pareceu mais convincente é que, sendo a coragem um sentimento que vem dos recônditos do âmago e faz contrariar os primeiros instintos basilares, não basta racionalizá-la, tentar construir seus alicerces com a lógica e com o racionalismo, pois ela precisa, necessariamente, ser sentida e arraigada em emoções genuínas. Sendo a paciência e a sabedoria as virtudes do planeta regente da Água nessa sephirah, para o sucesso da equação, ambas devem estar presentes, já que a coragem sem paciência e sabedoria pode transformar-se facilmente em

CONCLUSÃO

Após visualização diagramada, fica mais fácil identificar que o profano no ritual dos elementos segue o fluxo dentro da loja, frisando que o elemento Terra é visitado fora dela. O fluxo demonstra que o profano ainda lida com seus instintos e necessidades mais básicas e instintivas do ser.

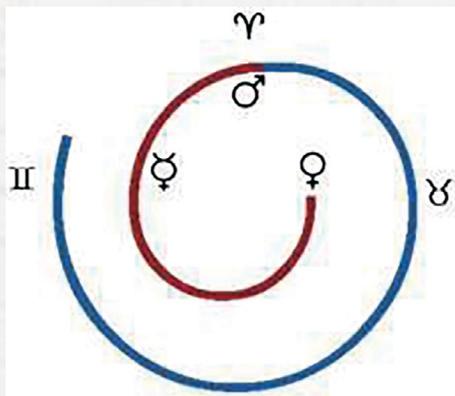
“Aprender a vencer-se é, pois, aprender a viver, e as austeridades do estoicismo não eram uma vã ostentação de liberdade! Ceder às forças da natureza é seguir a corrente da vida coletiva, é ser escravo das causas segundas. Resistir à natureza e dominá-la é fazer para si uma vida pessoal e imperecível, é libertar-se das vicissitudes da vida e da morte.” (LEVI, 2003, p. 76).

É importante lembrar que durante a Iniciação, o profano ainda não recebeu a Luz e, portanto, assemelha-se a uma semente, que enterrada e sob a escuridão do solo, só consegue interagir com os quatro elementos.

Após a prova do Fogo e findado o ritual de Iniciação, o agora neófito recebeu a Luz e, como um pequeno e frágil broto que agora recebe a luz solar, passa a percorrer a trajetória zodiacal (caminho solar), partindo do Sol no grau 0° de Áries (Equinócio de Primavera no Hemisfério Norte, onde o REAA se originou e primeiro passo da marcha de entrada do Aprendiz), seguindo para Touro (segundo passo da marcha de entrada do Aprendiz) e findando em Gêmeos (terceiro passo da marcha de entrada do Aprendiz), justamente na base da coluna do Norte.

Se olharmos a imagem de dentro para fora, pode ser vista como uma espiral cujo ciclo do zodíaco percorrido pelo iniciado

está acima, em azul, do ciclo dos elementos percorrido na iniciação, em vermelho, demonstrando que haverá outros ciclos superiores dessa espiral até que o maçom tenha se formado por completo.



Tanto no estudo dos elementos, quanto das sephirot, dos planetas e dos signos astrológicos envolvidos em toda essa trajetória, podemos encontrar diversos elementos (ainda não posso dizer se todos eles) que servirão de ferramentas para que o Aprendiz não só faça sua jornada maçônica, como possa fazê-la também como um verdadeiro maçom no mundo profano, seja com a família, nos negócios ou qualquer outro aspecto.

Todos os elementos em suas disposições, características, vícios e virtudes formam um amplo rol de forças a serem potencializadas e fraquezas a serem superadas para que o iniciado possa colher frutos de uma vida melhor em todos os aspectos, dentro da Maçonaria, mas, principalmente, fora dela, onde passa a maior parte do seu tempo, podendo, inclusive, contribuir para a sociedade com os conhecimentos adquiridos.

Acredito que, dessa forma, conhecendo todos os prismas pelos quais permeiam as instruções, é possível trazê-las para o

campo da prática e da vivência, do árduo e infundável trabalho de desbaste da pedra bruta, muito além da limitação do campo teórico ou apenas ritualístico, posicionando-se no equilíbrio existente no centro da Cruz dos Quatro Elementos, conforme cita Aleister Crowley em *Liber Libræ – svb figvra XXX*:

“Portanto, sê rápido e ativo como os Silfos, mas evite frivolidades e caprichos; Sê energético e forte como as Salamandras, mas evite irritabilidade e ferocidade; Sê flexível e atento a imagens como as Ondinas, mas evite ociosidade e inconstância; Sê laborioso e paciente como os Gnomos, mas evite a grosseria e a avareza.”

Por fim, é fundamental ressaltar que equilíbrio não significa a exata proporção de duas forças opostas, o que resultaria na anulação de ambas e por consequência, a inércia. Muito pelo contrário! Eliphas Levi (2003, p.247) demonstra precisamente o equilíbrio como sendo movimento constante ao dizer que *“Se as duas forças são absolutamente e sempre iguais, o equilíbrio será a imobilidade, e, por conseguinte, a negação da vida. O movimento é o resultado de uma preponderância alternada”* (grifo nosso). Portanto, viva! Esta é a chave do equilíbrio e da evolução.

Apêndice

Durante uma conversa sobre este trabalho com o irmão Pablo R. Justino Guedes (ARLS José Rodovalho de Alencar nº 2.912 – GOB/PB), pesquisador e estudioso da Maçonaria brasileira, percebemos que apesar de ambos sermos do Rito Escocês Antigo e Aceito, havia uma diferença na quantidade de instruções que os Aprendizes recebem no GOB

(duas instruções) e na Glesp (sete instruções). Instigado sobre o porquê disso e após conversar com os irmãos Carlos Eduardo (ARLS Dr. Roberto Martins de Barros, 691) e Mario Vasconcellos (ARLS de Pesquisa Quatuor Coronati, 333) – ambas as lojas da Glesp –, os quais deram excelentes contribuições que me nortearam, meu principal objetivo nessa breve pesquisa foi verificar em que momento a diferenciação ocorreu e se os elementos esotéricos, astrológicos e cabalísticos que encontrei na instrução de Aprendizes da Glesp haviam sido adicionados no nosso ritual ou removidos do ritual do GOB.

Algumas dessas características diferentes no REAA das Grandes Lojas brasileiras, segundo o pesquisador Pedro Juk (ARLS Loja Estrela de Morretes, 3159 – GOB/PR), foram adquiridas, principalmente, por conta da busca de reconhecimento junto às Grandes Lojas norte-americanas pelo irmão Mário Behring, no século passado, para a sua Obediência recém-nascida da cisão de 1927, que acontecera no seio do Grande Oriente do Brasil.

Essas alterações foram baseadas naquilo que se praticava ritualisticamente (e que ainda se pratica) nos Estados Unidos, cuja liturgia vem das Lojas Azuis do Craft, comumente também conhecido no Brasil como Rito de York Americano.

O irmão Joaquim G. dos Santos, da ARLS São João Fiat Lux, 537, Oriente de Lisboa, filiada ao Grande Oriente Lusitano, em sua obra *O Ritual de Aprendiz no REAA – Gênese e Desenvolvimentos* (apud *Astrea News*, ano X, nº119) faz as seguintes considerações:

“(...) O século XX veio trazer um enriquecimento do corpo ritual dos Graus Simbólicos do REAA, com contribuições de simbolistas notáveis tais como Oswald Wirth ou Jules Boucher, que aumentaram a base simbólica do rito com sincretismos da Alquimia, Astrologia ou da Cabala. Muitas vezes, contudo, a evolução das práticas ritualísticas tem vindo a desenvolver-se à custa de importações de procedimentos de outros ritos, frequentemente descontextualizadas na tradição Escocesa e cuja integração nem sempre resulta com um sentido lógico (...)”.

Nesse ponto, é importante sabermos quem eram os irmãos Oswald Wirth e Jules Boucher, que fizeram então essas contribuições. Oswald Wirth (1860-1943) nasceu em Berna, na Suíça, foi estudioso do Mesmerismo (Magnetismo Curativo) e, depois de ter alcançado o grau de Mestre Maçom, tornou-se um dos fundadores da Ordre de la Rose Croix Kabbalistique, ao lado Stanislas de Guaita, Papus (grande ícone do ocultismo) e outros. Guaita influenciou Wirth a restaurar os 22 arcanos do tarô à sua pureza hieroglífica, e Wirth concluiu seu trabalho em 1892 (*Les 22 Arcanes ou Tarô Kabbalistique*). O baralho de Wirth acompanhou o famoso livro de Papus: *O Tarô dos Bohemios*.

Em 1909, Wirth publica o livro *Le Symbolisme Hermétique*, que retrata o Simbolismo Hermético e a sua relação com a Alquimia e a Franco-Maçonaria. Em 1927, lança a obra *L'Idéal Initiatique* e, no ano seguinte, publica *Le Symbolisme Occulte de la Franc Maçonnerie*.

Em 1937, Wirth publica o livro *Le Symbolisme Astrológique*. Nesta obra, estabe-

lece a correlação dos diversos elementos da linguagem astrológica (planetas, signos, casas e aspectos) com os simbolismos de outras ciências ocultas, como o tarô, a numerologia e a geomancia, ajudando a compreender a linguagem astrológica como um dos simbolismos mais bem engendrados que se conhece. Ele ainda publicou outras obras não citadas aqui para não estender demasiadamente.

Jules Boucher (1902-1955), sobre o qual não encontrei tanta riqueza de informações, é referenciado em sua bibliografia na Wikipédia (apenas em francês) como “escritor, ocultista, alquimista e maçom”, e temos pistas de seus conhecimentos por suas duas obras, *La Symbolique Maçonnique e Manuel de Magie Pratique*.

É fato, então, que esses dois irmãos tinham notórios conhecimentos nas diversas áreas das ciências ocultas e poderiam contribuir inserindo chaves e gatilhos em pontos específicos do Rito.

Retornando aos ocorridos de 1927, no Brasil, com o objetivo de manter a Maçonaria brasileira dentro da regularidade no cenário mundial, foi imprescindível que houvesse a separação do Supremo Conselho e o Grande Oriente do Brasil, que se mantinham dentro de uma formatação de Potência Mista de 1854 até 1927. Segundo os registros, foi uma separação litigiosa, cuja rigidez nos tratos obrigou o irmão Mario Behring a promover a criação das Grandes Lojas estaduais. Dessa forma, foi necessária a criação de novos Rituais para administração dos Graus Simbólicos do REAA pelas recém-criadas Potências.

Foram apresentadas as minutas de rituais para os Graus Simbólicos, nascen-

do assim os Rituais para os Graus Simbólicos do REAA em 1928. A minuta apresentada pelos ilustres irmãos A. J. de Souza Carneiro (Grande Orador da Grande Loja Simbólica da Bahia) e Ernesto Gui Kopschitz (Loja de Perfeição Gonçalves Ledo, jurisdicionada ao Vale do Rio de Janeiro) serviu de base para o trabalho de parte da comissão composta pelos Membros Efetivos do Supremo Conselho: Amélio Dias de Moraes (Grande Chanceler da Guarda dos Selos do Santo Império), Joaquim Moreira Sampaio (Grande Tesoureiro do Santo Império) e Manoel Gonçalves Pecego.

Os Rituais foram entregues às novas Potências por volta de junho de 1928 e, a partir de então, colocados em prá-

tica, sofrendo diversos ajustes ao longo dos anos por parte dessas Potências Simbólicas, perdendo, com isso, sua uniformidade.

Ao pesquisar os nomes dos maçons envolvidos, encontrei uma obra publicada em 1926 pelo irmão A. J. de Souza Carneiro intitulada *Sciencia Esotérica (Analyses e Confrontos) – Sciencia Rosa Cruz*, o que novamente demonstra que os irmãos responsáveis pelas adequações do REAA para as Grandes Lojas tinham, provavelmente, conhecimentos e estudos ocultistas, o que deve ter contribuído para essa diferenciação encontrada e, principalmente, para os elementos identificados no trabalho da Terceira Instrução. ◆

Referências Bibliográficas

- CAMINO, Rizzardo da. *Rito Escocês Antigo e Aceito*. São Paulo. 2019. Editora Madras.
- GUEDES, Pablo. *Da Fórmula dos Deuses Mortos*. São Paulo. 2017. Editora Isis.
- LEVI, Eliphaz. *Dogma e Ritual de Alta Magia*. São Paulo. 2003. Editora Pensamento.
- LILLY, William. *Astrologia Cristã – Volume I*. Porto Alegre. 2018. Editora Concreta.
- Ritual do Simbolismo Ritual Aprendiz Maçom REAA. São Paulo. 2019. Grande Loja do Estado de São Paulo.
 - Significado de Sinceridade. Significados BR. [Acesso em 24 março 2021]. Disponível em www.significadosbr.com.br/sinceridade.
 - Significado de Perseverança. Significados BR. [Acesso em 24 março 2021]. Disponível em www.significados.com.br/perseveranca/.
 - Significado de Coragem. Wikipédia. [Acesso em 24 março 2021]. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Coragem>.
 - Daemones. Wikipédia. [Acesso em 24 março 2021]. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Daemon>.
 - Sephirah HOD. OCultura. [Acesso em 24 março 2021]. Disponível em <https://www.ocultura.org.br/index.php/Hod>.
 - Sephirah NETZACH. OCultura. [Acesso em 24 março 2021]. Disponível em: <https://www.ocultura.org.br/index.php/Netzach>.
 - Sephirah GEBURAH. OCultura. [Acesso em 24 março 2021]. Disponível em <https://www.ocultura.org.br/index.php/Geburah>.
 - Liber Librae. HADNU. [Acesso em 24 março 2021]. Disponível em <https://www.hadnu.org/publicacoes/liber-librae/>.
 - Diferença entre os Rituais do REAA. Blog Pedro Juk. [Acesso em 6 de abril 2021]. Disponível em: <http://pedro-juk.blogspot.com/2017/10/diferencas-entre-os-rituais-do-reaa.html>.
 - Astrea News (Ano X, nº119). Supremo Conselho do Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito. [Acesso em 6 de abril 2021]. Disponível em <https://www.sc33.org.br/documents/astreanews/AstreaNews119.pdf>.
 - Oswald Wirth. Sociedade das Ciências Antigas - SCA. [Acesso em 6 de abril 2021]. Disponível em <http://www.sca.org.br/uploads/news/id117/OswaldWirth.pdf>.
 - Jules Boucher. Wikipédia. [Acesso em 6 de abril 2021]. Disponível em [https://fr.wikipedia.org/wiki/Jules_Boucher_\(%C3%A9crivain\)](https://fr.wikipedia.org/wiki/Jules_Boucher_(%C3%A9crivain)).

Os Três Reis Magos



Irmão Cleiton Gustavo M. Brocanelli*Loja Prudência e Justiça, 878 – Oriente de São José do Rio Preto*

Anualmente, em 6 de janeiro, no mundo cristão, os católicos comemoram o Dia de Reis, referente àqueles três reis magos que foram avisados pela Estrela do Oriente sobre o nascimento do Filho de Deus. Quando à avistaram, seus corações ficaram felizes e, então, decidiram ir em busca do Deus menino.

Resolveram, então, levar presentes como mirra, incenso e ouro, e guiados pela estrela, partiram na direção que ela apontava.

Todos os cristãos conhecem bem essa história. No Brasil, comemora-se tradicionalmente a chamada folia de Reis, durante a qual alguns foliões, vestidos de palhaços, fazem batucadas e cantorias típicas do nosso folclore, levando alegria à casa daqueles que os recebem.

Mas para nós, maçons, que temos uma mente “geométrica”, somos convidados à mergulhar um pouco mais nos símbolos e significados dos elementos dessa história.

Sabemos nós que as histórias religiosas são, em sua maioria, contos e alegorias que quando elaborados trazem consigo significados chaveados, ocultos, uma mensagem atrás de outra mensagem, por assim dizer.

Os três reis magos (uma referência ao número 3), quando encontram o menino Deus, oferecem a Ele os presentes que trouxeram na viagem, a mirra, o incenso e o ouro.

A mirra, uma planta encontrada na natureza, cuja casca contém uma resina perfumada que era considerada na antiguidade um bem valioso e raro. Representa o feminino, a matéria (o corpo físico). O incenso, muito usado antigamente em cerimônias litúrgicas, quando queimado faz subir uma sutil fumaça, símbolo de elevação. Sua representação é o masculino (o espírito). O ouro, o mais nobre e maleável dos metais, por si só emite sua luz, símbolo da pureza, de toda a nobreza, de toda riqueza. Significa a iluminação do homem.

Quando nossa estrela brilha no céu, nascemos para esse mundo e, como filhos de Deus, também recebemos dos três reis magos (Forças Criadoras) nossos “presentes”. Ao conhecer os mistérios, o maçom passa a não ver mais com os olhos da religião, mas sim de um Iniciado, um iluminado pela Luz que nos foi concebida no dia e, que nascemos para a Arte Real.

Continuemos no trilhar da Verdadeira Luz. ◆

Entardecer na SELVA



Irmão Milton Fiorio
Loja Acácia de Avaré, 590
Oriente de Avaré

Certa vez, estive visitando uma aldeia indígena no coração da Amazônia, junto com um amigo muito apegado à religião e leitor assíduo da Bíblia, que ele dizia ser a verdade suprema da humanidade.

Numa tarde muito quente, estava ele e eu conversando com o cacique da aldeia, um índio muito velho e bastante tranquilo, sobre amenidades da vida, quando a conversa caminhou para um assunto muito delicado: religião.

Por curiosidade, perguntei ao cacique como era a história da religião deles. Calmamente, ele começou a explicar.

- Nosso deus é o Sol, pois ele que nos dá luz e energia, e a Lua é sua esposa. Disse o cacique.

- E como eles se encontram? Perguntei.

- Tem noites que não vemos a Lua, e é nessa época que eles ficam juntos, disse ele tranquilamente.

- E as estrelas? Desafiei.

- São seus filhos, que nos iluminam quando sua mãe não está. Continuou o índio.

As respostas do cacique eram sempre curtas e objetivas. Foi então que meu amigo resolveu cutucar o velho índio.

- Como você pode afirmar tudo isso com tanta segurança? Perguntou meu companheiro de viagem. O índio olhou no fundo dos olhos do meu amigo e começou lentamente sua explicação.

- Tudo que temos devemos ao nosso deus Sol, e tudo que sabemos nos foi contado pelos nossos antepassados, através dos ensinamentos dos mais velhos, de geração em geração, e acreditamos piamente que tudo que sabemos

é verdade, pois não iriam criar essa história só para nos enganar. Explicou o cacique.

Observei um sorriso velado nos lábios do meu amigo, pois ele achou a história absolutamente ingênua e infantil, e rapidamente voltou à carga.

- Você me desculpe, mas com todo o conhecimento técnico que a humanidade dispõe, todos sabemos que não é bem assim que funciona o universo. Disse meu amigo.

Para minha surpresa, o índio retrucou imediatamente sem pestanejar.

- Como é o seu Deus?

Pronto! Era a dica que o meu amigo queria. Teria agora a oportunidade de mostrar todos seus conhecimentos de teologia e religião e, ainda por cima, catequizar o cacique, e se o conseguisse, automaticamente a aldeia toda.

- Muito bem, como estamos com tempo e a tarde muito agradável, e sei que você tem muita paciência, vou explicar como funciona em nosso meio a religião da maioria dos habitantes do planeta, de uma maneira simples que você possa entender. Iniciou meu amigo.

- No princípio não havia nada, só Deus. Então ele resolveu que deveria criar o universo! E assim o fez. Criou o Sol, que você diz que é seu deus, criou as estrelas, os planetas, inclusive este em que vivemos, criou os rios e os mares, os peixes, os animais, as plantas, enfim tudo que conhecemos hoje como natureza. Depois de algum tempo, resolveu que deveria criar um ser que fosse a sua semelhança para usufruir do paraíso que acabara de criar. Fez um boneco de barro e deu-lhe vida. E o chamou de Adão.

- E ele era igualzinho qualquer homem de hoje? Perguntou o índio.

- Claro, foi assim que começou a humanidade. Só que Deus percebeu que Adão estava muito solitário e resolveu criar uma companhia para ele. Numa noite, enquanto ele dormia, retirou-lhe uma costela e a transformou numa mulher, a quem chamou de Eva. O casal passou a morar no paraíso, e tudo corria maravilhosamente bem. Conviviam pacificamente com os animais, tinham alimentos em abundância, nada lhes faltava. Deus pedira uma única coisa: que não comessem o fruto de uma árvore, talvez uma macieira, que exibia grandes e brilhantes frutos vermelhos.

A curiosidade do casal era muito grande para provar a fruta, porém, a prudência os mantinha longe da árvore. Mas Eva não se conformou e ficou rondando a árvore intrigada, até que um dia, uma serpente lhe ofereceu uma fruta, e ela aceitou e a levou para Adão, convencendo-o a comê-la. Nesse momento, Deus apareceu e, furioso, expulsou ambos do paraíso, dizendo que teriam que trabalhar para comer e que Eva sofreria dores terríveis para gerar seus descendentes.

Nessa altura, o índio não aguentou.

- Puxa vida, qual é o problema de comer uma fruta? Precisava ser tão vingativo assim? Nosso Deus não é assim. Afirmou o cacique.

Meu amigo ficou um pouco embaraçado, mas retomou rapidamente a postura.

- Na verdade, os teólogos e estudiosos das escrituras sagradas acreditam que essa história tem alguma coisa a ver com sexo, sabe como é, na época que foram transcritas era um assunto pouco conversado em público.

- E quem contou essa história para quem

escreveu esse relato? Quis saber o índio.

- Bem, foi contada de pai para filho por séculos, até que alguém a escreveu. E continuando meu relato, assim começou a aparecer os povos em nosso planeta, e até vocês aqui da aldeia são descendentes de Adão e Eva. E quanto ao nosso Deus, é extremamente bondoso e justo e deve ter seus motivos para agir dessa maneira. Na verdade, não acontece nada sem seu consentimento, nada mesmo. Insistiu meu amigo.

O cacique pigarreou e começou a fazer perguntas difíceis de responder.

- Se tudo que acontece depende dele, como explicar terremotos que matam milhares de pessoas, inundações, secas, vírus, bactérias, animais peçonhentos e outras tragédias que eliminam milhares de inocentes diariamente no mundo?

- Ele sabe o que faz – retrucou meu amigo – e tudo tem seu motivo, embora fujam de nossa compreensão muitas coisas que acontecem, mas para quem tem a verdadeira fé, aceita tudo resignadamente e acredita nele apesar de tudo terá uma recompensa numa vida posterior.

O velho cacique sorriu enigmaticamente.

Nesse momento, percebi que as pessoas que têm opinião formada e não são abertas para novos conhecimentos arrumam sempre uma maneira de responder coisas que não têm absolutamente nenhum fundamento verdadeiro, e suas respostas, ditas repetitivamente, acabam sendo tomadas como verdade. A história contada pelo meu amigo é tão inverossímil e fantasiosa como a do cacique, no entanto, é aceita pela maioria da população mundial como verdadeira e quase nunca contestada.

Comecei então a pensar em outras, como por exemplo, a arca de Noé, que realmente é difícil de aceitar, a abertura do mar por Moisés, a Torre de Babel, Sodoma e Gomorra, e outras tantas que realmente não ficariam tão estranhas se comparadas com a contada pelo índio.

A noite estava chegando devagarzinho, e as primeiras estrelas cintilavam no céu. No horizonte, surgia uma linda Lua.

Despedimo-nos do cacique e fomos embora. Ficou em minha lembrança aquele rosto com olhos amendoados e um sorriso irônico...

Passei dias imaginando onde está a verdade. Aliás, o que é a verdade? Existem centenas de deuses em nossas civilizações, é só escolher um e pronto. Ouvimos muitas pessoas religiosas dizerem que não acreditam em tudo que é apregoado pela sua religião, mas acreditam em Deus. É uma maneira de se isentarem de qualquer comprometimento, é como que usar um filtro para fazerem somente o que lhes convém, mas se garantindo com Deus.

Atualmente, não existe milagre que consiga passar pelo crivo da ciência. Antigamente, aconteciam aos montes, assim como aparecimentos de fantasmas, mulas sem cabeça e sacis-pererês, entre outros, pois não havia como comprovar a veracidade dos fatos. Quanto mais remoto for o acontecimento, maior o tamanho do milagre. Acreditar ou não num acontecimento extraordinário depende do grau de credulidade de cada indivíduo. Seria maravilhoso se existissem milagres apenas dependendo da fé de cada um, pois bastaria uma grande dose de fé para se conseguir tudo, para resolver nossos problemas num passe de mágica.

Acreditar ou não em algo extraordinário sem nenhuma investigação não é sabedoria nem conhecimento, é apenas uma tomada de posição confortável, geralmente seguindo a maioria, sem a humildade de reconhecer que apenas estamos aceitando o que nos é impingido sem nenhum questionamento.

Tudo isso é um grande mistério, cuja resposta, definitivamente, ninguém tem, e, portanto, a resposta mais sábia é: não sei.

Este texto eu escrevi em abril de 2008, quando ainda não era maçom e não tinha a consciência do significado dessa enxurrada de religiões que existem no mundo.

Apreendi com a Maçonaria que não importa qual a religião que se frequente, pois sempre haverá o mesmo Deus em cada uma, embora com nomes diferentes, e cada uma sempre terá leis e rituais diferentes, e esta foi a grande sacada da Maçonaria, que aceita todas as religiões e usa em suas orientações e ensinamentos trechos de livros religiosos, para exemplificar e fixar na mente dos irmãos como tornar-se uma pessoa íntegra, embora sempre explicando que são situações alegóricas, mas afirma que existe um Ser Superior por trás de tudo, que chamamos de Grande Arquiteto do Universo, e sabiamente não criou orações, sacrifícios, leis ou idolatrias, deixando que os irmãos sigam as leis de suas religiões sem nenhuma contestação, pois o que vale são as condutas corretas perante todos nossos semelhantes.

Quando juramos perante o nosso Livro da Lei, estamos pondo à prova nosso caráter como ser humano correto, não importando qual a religião que pertencemos, pois para ser correto não precisa ter vínculo religioso, mas sim, sentir que existe uma energia superior dentro de nós, ou seja, o G.:A.:D.:U.:.◆

SOMOS TODOS PONTES?

Irmão Erik Silva Imiani

Loja Merkabah, 569 - Oriente de Guarulhos

A pergunta acima pode, num primeiro momento, parecer-lhe estranha, mas o objetivo deste pequeno texto é convidar você para uma reflexão.

As primeiras pontes teriam surgido de forma natural pela queda de troncos sobre os rios, processo prontamente imitado pelo homem, surgindo então pontes feitas de troncos de árvores ou pranchas e, eventualmente, de pedras, ajudando as pessoas, desde os tempos remotos, a ultrapassarem obstáculos e irem em busca de alimento ou abrigo.

As pontes são construídas para transpor obstáculos físicos ou naturais, aqui então começamos a convidar o leitor para uma interpretação mais filosófica da utilidade das mesmas. Durante nossa existência no mundo manifestado, é natural que nos deparemos com diversos obstáculos, comuns em um mundo dual e sensitivo. Como lidamos com esses obstáculos, ou melhor, como fazemos para transpô-los, é onde reside o verdadeiro mistério.

Podemos, ao avistar um obstáculo, estagnar e, assim, colocar um final ao trajeto, justificando que nada podemos fazer perante essa dificuldade. Podemos, ainda, atribuir a alguém ou a algo a responsabilidade por colocar em nosso caminho esse empecilho, com certeza temos experiência de pessoas que assim

agem por medo, falta de orientação ou princípios internos que as habilitem a seguir.

A palavra “Maçom”, muito sintetizada aqui, significa “Construtor”, e essa nobre escola chamada Maçonaria ensina aos seus adeptos, Iniciados, a usarem seus instrumentos de construção e aplicá-los neles mesmos para a construção do seu Templo Interior. Diferente do profano, e aqui vale salientar que não se trata de sermos melhores, enquanto maçons, mas sim diferentes devido aos ensinamentos que recebemos, temos o dever de construir nossas pontes, seja para transpor um obstáculo ou para ligar o mundo material ao mundo espiritual. Devemos ser luz onde houver escuridão, devemos ser concórdia onde houver discórdia, devemos servir, em vez de sermos servidos.

Agindo dessa maneira, talvez alguém nos veja realizando essa nobre obra de construir e se interesse ou mesmo passe a construir suas pontes para que, além de serem utilizadas por ele próprio, sirvam de passagem segura a outros que desejam passar de um lado para o outro. E quando transpor o obstáculo, já do outro lado da margem, ao olhar para trás, reflita: Eu passei!

Meu caro e paciente leitor, fica aqui então a dica: Mais do que construir nossas pontes, devemos ser pontes. ♦



A Verdade

A REVISTA DO MAÇOM

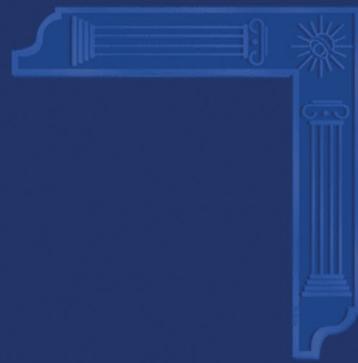


R\$ 106,15

Revista em
formato digital

- Jornalismo, informação e estudo
- O pensamento dos mais conceituados autores da Maçonaria contemporânea
- História, ritualística, simbologia, filosofia e muito mais...

Para obter a assinatura anual (6 edições digitais) envie cheque nominal à Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, no valor de R\$ 106,15, juntamente com seus dados (nome, endereço completo, telefone, e-mail, loja, oriente e potência) para a Caixa Postal 2.774, CEP 01031-970, São Paulo, SP.



www.glesp.org.br

